

mercado folha em defesa da energia limpa

Líder do governo inclui 'jabuti' pró-carvão em projeto que barateia luz

Proposta substitui MP que antecipa valores da privatização da Eletrobras, mas traz benefício a combustíveis fósseis

João Gabriel

BRASÍLIA O líder do governo na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE), protocolou projeto de lei para substituir a medida provisória (MP) que baixa a conta de luz, mas inclui no texto um jabuti que beneficia usinas de carvão, longe do poluente de gerar energia. O texto do projeto é praticamente o mesmo da medida, editada pelo gestor de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e

antecipa recebimentos da privatização da Eletrobras para combater o aumento da conta de luz, sobretudo no Amapá. A medida original, elaborada pelo Ministério de Minas e Energia, ainda previa benefícios para a geração de energia renovável no Nordeste brasileiro, com a possibilidade de prorrogação de concessões. Estes trechos foram mantidos por Guimarães, que no entanto incluiu um novo dispositivo ao projeto.

"Fica assegurada a participação de usinas movidas a carvão mineral nos leilões de reserva de capacidade de potência", diz a proposta. Na prática, o dispositivo, se aprovado, pode garantir a participação das usinas de carvão nos leilões de reserva de energia —que servem para evitar apagões, por exemplo. O texto ainda cria uma condicionante, determinando que essas empresas precisem ter um plano de transição

energética, mas voltado a converter a utilização de carvão mineral em gás natural.

Porém, tanto o carvão quanto o gás são combustíveis fósseis e de alto grau de emissão de gás carbônico, um dos principais vetores do aquecimento global no mundo.

Procurado pela Folha, Guimarães disse que a reportagem cometeu um "equívoco". "O texto citado na matéria sobre o projeto de lei, por mim apresentado, que substitui a Medida Provisória que baixa a conta de luz, está incompleto e não se trata de nenhum 'jabuti', disse o deputado em nota enviada por meio de sua assessoria.

O texto afirma que a Folha não teria destacado o benefício que concede a participação nos leilões de usinas que tenham plano de transição energética para conversão de carvão em gás natural.

O trecho, no entanto, consta na reportagem. Na manhã desta quarta-feira (23), o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, disse que toda iniciativa par-

lamentar será bem recebida e que o objetivo da pasta é buscar o melhor custo-benefício para a sociedade brasileira.

O líder José Guimarães esteve em viagem na semana passada, ele defende realmente que o carvão social da região Sul do Brasil é fundamental para gerar emprego, gerar renda, que essa fonte energética continue sendo considerada no planejamento", afirmou.

No Brasil, a geração de energia via carvão é concentrada no Sul do país, região que há quase um mês é assolada por uma tragédia social: limitadas. As fortes chuvas, aliadas ao baixo investimento na adaptação às mudanças climáticas, deixaram o Rio Grande do Sul em calamidade pública, em um dos piores desastres de sua história.

O projeto de lei protocolado por Guimarães nesta quarta-feira (23), se aprovado, revoga a medida provisória do governo —ou seja, passa a valer no seu lugar.

A medida do governo visa baixar a conta de luz em pelo menos 3,5% em 2024, mas

pode levar o consumidor a arcar com um custo ainda maior no futuro.

A proposta antecipa recursos que a Eletrobras precisaria pagar nos próximos anos à CDE (Conta de Desenvolvimento Energético), que custeia subsídios a consumidores e geradores de energia. O repasse foi uma contrapartida à privatização da empresa, aprovada em 2021.

Seu foco é sobretudo combater a alta de 4,4% na conta de luz do Amapá, que já é uma das mais caras do país.

O uso da antecipação, calculada em R\$ 26 bilhões, proporciona um alívio na tarifa no curto prazo, mas reduz o ingresso de recursos na conta no futuro —o que, sem revisão no tamanho desses subsídios, gera pressão por reajustes mais salgados para alcançar a fatura dos próximos anos.

Representantes do setor afirmam que é como pegar um empréstimo para pagar a fatura estourada do cartão de crédito. Lá na frente, a dívida precisará ser quitada com juros.



Funcionário da estatal russa Gazprom em estação de compressão do gasoduto Força da Sibéria em Atamanskaya. *Maxim Shalashov - 28 maio 2019/Reuters*

Guerra derruba setor de gás natural russo pela primeira vez no século

Igor Cielow

SÃO PAULO A reconfiguração do mercado de gás natural após o início da Guerra da Ucrânia derrubou pela primeira vez o setor na Rússia, lider incontestemente do segmento até a invasão de 24 de fevereiro de 2022. Na terça (23), o Kremlin determinou que o gigante estatal do gás, a Gazprom, não distribua dividendos neste ano. É uma medida inédita e vem na esteira do primeiro prejuízo da empresa neste século, um tombão de US\$ 6,9 bilhões em 2023, ante um lucro de US\$ 13 bilhões no ano anterior.

O mais recente registro negativo havia sido em 1999, na esteira da implosão econômica da Rússia na crise do ano anterior. Desde então, a Gazprom ascendeu para o posto de principal empresa mundial do setor de gás natural, o qual ainda domina em termos de reservas (20% do mundo) e produção (16%, ainda que ociosa). A queda da faturamento total em 2023 foi de 42% em 2022, quando houve um pico no preço do gás devido à guerra.

A queda da faturamento total em 2023 foi de 42% em 2022, quando houve um pico no preço do gás devido à guerra. Embora sua denominação como "venda" pela União Europeia em 2022 seja contestada como uma forma artificial de acelerar o cumprimento de metas de emissão de carbono,

o governo de Vladimir Putin tem motivos para se preocupar. Mesmo sob sanções na Europa, o desvio da produção para países como Índia e China foi eficaz. Até o Brasil contribuiu —é um dos principais destinos do gás russo hoje. Como o gás, é diferente. A Europa respondeu por 40% do mercado do produto russo, vindo em forma justificada por meio do sistema gêmeo Nord Stream (Báltico), a menina dos olhos da antiga aliança entre a Alemanha e a Rússia, e por dutos por meio de Belarus e da Ucrânia.

Com a guerra, os países europeus buscaram fontes alternativas, principalmente o gás natural liquefeito vindo do golfo Pérsico. Para complicar, o moderno Nord Stream teve 3 de seus 4 ramais destruídos num misterioso atentado no fim de 2022, em que ambos os lados se responsabilizam.

A Rússia também fez cálculos errados, cortando o suprimento europeu na esperança de ver o preço chegar às alturas. O ex-presidente Dmitri Medvedev chegou a falar em US\$ 5.200 por mil metros cúbicos em 2022, só para ver o valor cair a um décimo disso na virada de 2022. Hoje, apenas um ramal está operando, por meio da Ucrânia, uma cortesia do tempo em que os países eram parte da União Soviética e que nem a guerra interrompeu —Kiev alega que o fluxo era na capacidade máxima, tirava US\$ 2 bilhões anuais em pedágio. Agora, há a expectativa de que os ucranianos concordem com a transição energética.

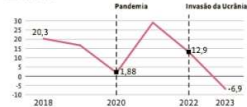
responsável por 30% do orçamento. Mesmo sob sanções na Europa, o desvio da produção para países como Índia e China foi eficaz. Até o Brasil contribuiu —é um dos principais destinos do gás russo hoje. Como o gás, é diferente. A Europa respondeu por 40% do mercado do produto russo, vindo em forma justificada por meio do sistema gêmeo Nord Stream (Báltico), a menina dos olhos da antiga aliança entre a Alemanha e a Rússia, e por dutos por meio de Belarus e da Ucrânia.

Com a guerra, os países europeus buscaram fontes alternativas, principalmente o gás natural liquefeito vindo do golfo Pérsico. Para complicar, o moderno Nord Stream teve 3 de seus 4 ramais destruídos num misterioso atentado no fim de 2022, em que ambos os lados se responsabilizam.

A Rússia também fez cálculos errados, cortando o suprimento europeu na esperança de ver o preço chegar às alturas. O ex-presidente Dmitri Medvedev chegou a falar em US\$ 5.200 por mil metros cúbicos em 2022, só para ver o valor cair a um décimo disso na virada de 2022. Hoje, apenas um ramal está operando, por meio da Ucrânia, uma cortesia do tempo em que os países eram parte da União Soviética e que nem a guerra interrompeu —Kiev alega que o fluxo era na capacidade máxima, tirava US\$ 2 bilhões anuais em pedágio. Agora, há a expectativa de que os ucranianos concordem com a transição energética.

Crise no gás natural russo

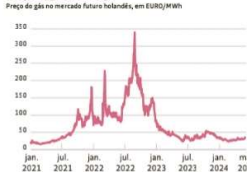
Lucro da Gazprom em US\$ bilhões



Perda de mercado na Europa Fornecimento de gás em bilhões de m³



Preço do gás na Europa Preço do gás no mercado futuro holandês, em EUR/MWh



22,7 bilhões de m³

fui o fornecimento de gás à China em 2023

5,2% da demanda chinesa

Fontes: Gazprom e Trading Economics

não decorre das sanções ocidentais que, em grande medida, driblou: a UE não proíbe a compra de gás russo, só buscou limitá-la. "Há uma tempestade formada em várias frentes contra a Gazprom", disse por mensagem de texto a analista especializada em energia Tatiana Stoinova, de São Petersburgo.

O maior volume de gás liquefeito no mercado, fenômeno ligado também ao aumento da produção dos agora líderes mundiais EUA e de países como o Qatar, ajudou também na queda do lucro da Gazprom. Os preços mundiais, após saltarem com os efeitos da guerra, caíram e estão estacados em patamares baixos. Tanto no mercado anglo-americano quanto na Bolsa de futuros holandesa, referências, a curva é a mesma com unidades diferentes. Na Europa, por exemplo, os mil metros cúbicos estavam a € 500 antes da guerra. Viram um pulo para € 1,870 no estouro do conflito, escalando a € 3,380 em agosto de 2022. Agora, estão em € 530.

Amadurecida climática, quem diria, ajudou: os dois invernos mais quentes registrados na Europa desde a guerra permitiram menor consumo residencial e, hoje, os estoques de gás do continente estão praticamente cheios. Diferentemente do petróleo, cujos navios basicamente mudaram de rota rumo ao Oriente, com o gás é preciso uma infraestrutura custosa e de implementação lenta. Ali, os olhos de Moscou se voltam para a China, sócia na "parceria sem limites" reiterada na visita de Putin ao líder Xi Jinping na semana passada.

O encontro, contudo, não trouxe ainda novidades sobre o principal desejo russo: ver os chineses sendo o destino de seu gás. Hoje, o gasoduto Força da Sibéria usa apenas metade dessa capacidade instalada, respondendo por apenas 2,4% da demanda do produto em 2023 por Pequim.

Em 2023, os russos venderam 22,7 bilhões de metros cúbicos de gás para os chineses, ante 80 bilhões de metros cúbicos que enviavam para a Europa até a guerra. Para piorar, o fazem com um desconto de 25% para os aliados.

O projeto para dobrar a capacidade total do projeto com um novo ramal, uma obra de 2.600 km na Ásia Central, com muito otimismo só virará realidade comercial em 2030. Já o investimento anunciado pela Gazprom no próximo mercado do produto liquefeito esbarra, ali sim, nas sanções. Para equivar as expectativas de liquefação, no qual o gás é resfriado a mais de 160 graus Celsius negativos, é preciso um maquinário do qual a Rússia não dispõe —e o Ocidente não vai fornecer com a guerra em curso.